

Uma cosmovisão quântica da tecnologia nas organizações

Alessandro Marco Rosini

Mestre em Administração de Empresas e Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Diretor de Tecnologia e Sistemas de Informação e professor na UNINOVE.

RESUMO

Este artigo propõe como questão uma nova visão do uso da tecnologia nas organizações. Orienta-se por uma cosmovisão quântica quanto à participação dos envolvidos nas mudanças, na qual a abordagem sistêmica e a gestão do conhecimento são pontos fortes para alavancagem da evolução do homem. Entretanto, isso somente será possível diante de um processo profundo de transformação interior do ser humano.

Palavras-Chave: conhecimento; tecnologia; informação; organização.

ABSTRACT

This article reports the question of a new vision of using of the technology in the organizations. A quantum and cosmic vision how much the participation of all involved in questions of changes, where the systems boarding and the management of the knowledge are strong points toggle for the evolution of the man. However this will only be possible before a deep process of interior hashing of the human being.

Key words: knowledge; technology; information; organization.

Introdução

Os conceitos da teoria da informação são altamente relevantes pelo fato de estarem presentes nos processos preexistentes em uma organização formal. Para que os objetivos de um determinado procedimento sejam alcançados de maneira eficaz, é necessário saber e conhecer tudo o que está à sua volta, isto é, uma análise tanto dos pré quanto dos pós-requisitos que uma determinada ação possa gerar e os impactos de umas sobre as outras.

Todo processo de mudança e transformação traz consigo turbulências que precisam ser administradas para a própria sobrevivência do meio em que ocorrem. Assumindo a organização como esse meio e considerando-a uma unidade sistêmica, estabelece-se um cenário complexo dadas as inter-relações que se dão na unidade e entre as unidades. Nesse contexto sistêmico, cada evento estará relacionado a outros n eventos, influenciando e sendo influenciado por estes.

A informação é hoje fator fundamental para organizações, administradores e, conseqüentemente, para os demais indivíduos. Em se tratando de um mercado aberto e comum quanto à competitividade, concorrência, qualidade, percebe-se que nada disso seria possível sem

que houvesse a informação e o acesso a ela. É de extrema importância, porém, estudar e entender como a tecnologia da informação interage nas organizações, pois nesse processo acabam ocorrendo mudanças culturais e comportamentais dos interlocutores.

A tecnologia e o conhecimento nas organizações

MCLUHAN (1999), em sua definição de que o meio é a mensagem, explica que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio, isto é, de qualquer uma das extensões de nós mesmos, constituem o resultado da presença da tecnologia em nossas vidas. Para o autor, a presença desta tecnologia traz desemprego à sociedade; no entanto, apresenta, como lado positivo, a criação de outros papéis para as pessoas, em seu trabalho e no próprio dia-a-dia.

As organizações, portanto, devem estimular a cada dia o aprendizado de novas formas de obter o conhecimento, não somente sobre a tecnologia, como também nas atividades diárias e no auto-aprendizado de cada indivíduo, mesmo contando com a quantidade de novas ferramentas existentes em tecnologia da informação, pois esta deve ser encarada e tratada como meio e forma, não como um fim. Para isso, o indivíduo não

deve apenas utilizar-se da tecnologia, mas também evoluir cada vez mais em seu interior, utilizando-a como um facilitador na obtenção da produtividade e da qualidade.

Quanto à questão sistêmica, implica construir o par ordenado composto de uma variável básica (V), que confere concreitude ao sistema (pontos associados a pontos do espaço-tempo), e da coleção de propriedades (P) que o caracteriza, o que pode ser expresso, conforme VIEIRA & SANTAELLA (1999), da seguinte forma: $S = \langle V, P \rangle$. Segundo os mesmos autores, na visão sistêmica a realidade é preenchida por sistemas, abertos em algum nível, que, na maioria das vezes, afastam-se do equilíbrio, produzindo eventos. As cadeias de eventos no tempo são chamadas processos, que se propagam na estrutura do espaço-tempo, agindo sobre outros sistemas. No caso de um sistema humano, os processos são percebidos e codificados em alguma estrutura cognitiva: visto por esta interface, o processo constitui o fenômeno no qual os sistemas apresentam história e memória, que, por vezes, podem chegar ao observador de forma codificada. O trabalho científico consiste em projetar signos que consigam exprimir a temporalidade do processo, geometrizando algum aspecto desta memória, que, de acordo com a visão sistêmica, podem ser expostos por meio de três sistemas relacionados: o sistema em si mesmo, algo como o objeto dinâmico na semiótica peirciana (VIEIRA & SANTAELLA, 1999); o processo gerado pelo sistema, em virtude dos eventos decorrentes de suas alterações de estados (em que um estado é dado pelo conjunto de intensidades ou valores de suas propriedades representativas num instante de tempo) e a própria representação cognitiva feita por um determinado observador (que nos remete ao conceito de objeto imediato). Portanto, o real, em que existe perturbação ou processo, é sistêmico e provoca desequilíbrio. Assim, o fenômeno e sua representação também o serão, ocasionando algum grau de isomorfia ou homomorfia entre esses três sistemas que possibilita o conhecimento.

MORIN (*apud* LEFF, 2000) critica a teoria geral dos sistemas por dessubstancializar os objetos científicos, buscando descobrir a “natureza da natureza” no princípio da generatividade organizacional, que postula, como princípio metodológico, a emergência das diferentes formas de organização da matéria. Essa questão deve ser compreendida como uma condição ontológica, necessária a qualquer tipo de mudança a ser implementada em uma organização, ou em um sistema atual sustentável, pois a questão da mudança está diretamente ligada ao indivíduo.

Para MORIN (2000), o conhecimento do

conhecimento, que comporta a integração do conhecedor em seu conhecimento, deve ser, na educação, um princípio permanente, permitindo compreender a não existência de condições bioantropológicas (as aptidões do cérebro/mente humana), socioculturais (a cultura aberta que permite o diálogo e a troca de idéias) e noológicas (as teorias abertas que permitem verdadeiras interrogações), isto é, questões fundamentais sobre o mundo, o homem e o próprio conhecimento. Na busca da verdade sobre essas interrogações, as atividades auto-observadoras devem ser inseparáveis das observadoras; as autocríticas, das críticas, e os processos reflexivos, dos processos de objetivação. Portanto, devemos aprender que a procura da verdade pede a busca e a elaboração de metapontos de vista, que permitam a reflexividade e comportem, especialmente, a integração observador-conceitualizador na observação-concepção, e a ecologização da observação-concepção no contexto mental e cultural.

A mente humana, para MORIN (2000), deve desconfiar de seus próprios produtos ideais, que lhe são, ao mesmo tempo, vitalmente necessários. Precisamos estar, portanto, permanentemente atentos para evitar idealismo e racionalização. Isso requer negociação e controle mútuos entre nossa mente e nossas idéias e intercâmbio e comunicação entre as diferentes zonas de nossa mente, processos que exigem a tomada de consciência do *id* e do *alguém* (que falam por meio do *ego*), mantendo-nos alerta para detectar a mentira em si mesma.

É inegável a contribuição dada pelas tecnologias de informação, em especial aquelas ligadas à comunicação, que, pela disseminação e democratização da informação que as caracterizam, possibilitaram, sobremaneira, a criação e estabelecimento de uma consciência ecológica. A utilização da tecnologia da informação na organização deve ser compreendida não só pelo uso tecnológico em si, mas também pelo ponto de mutação e maturidade do indivíduo, que transcende a abordagem mecanicista tradicional. A visão do saber ambiental, intelectual e espiritual é algo superior e de maior valor para a humanidade. Não obstante, permite aos indivíduos desenvolverem suas atividades com maior produtividade e melhorarem, significativamente, a qualidade de suas tarefas. No entanto, é importante, para as empresas modernas, o controle do que está sendo realizado internamente em seu sistema, pois o que elas objetivam é o próprio controle das operações e também os aspectos de segurança. Nesta concepção, é fundamental identificar aquelas competências do indivíduo que combinem conhecimento e habilidades, pois elas representam tanto a base dos conhecimentos

tácitos quanto o conjunto de habilidades necessário para a realização de ações produtivas.

Para QUINTAS (2001), muitas mudanças que tomam lugar na economia global de agora estão associadas ao desenvolvimento e difusão das tecnologias de comunicação e informação providas pela *internet* e pelas relações estabelecidas nas discussões de trabalhos em grupo na rede. Estas foram analisadas por MCLUHAN (*apud* QUINTAS, 2001), há duas décadas, como uma nova realização que destaca a importância desses recursos do conhecimento e a capacidade de sucesso dos negócios, ressaltando a necessidade de conhecer os limites e pontos convergentes que essas tecnologias apresentam.

Um outro ponto importante sobre a questão do conhecimento é apontado por WAISTELL (2001), quando mostra que o capital intelectual necessita ser ativamente retido e gerenciado pelas equipes de alta direção das organizações, pois somente dessa forma estas conseguirão ser competitivas no mercado em que se encontram. O autor distingue três tipos de capital intelectual:

- humano, concebido como o conhecimento do *staff* da administração;
- estrutural, que se refere à habilidade de as organizações 'empacotarem' o conhecimento em sua estrutura;
- capital do cliente, que se dá por meio da marca e do relacionamento com os clientes.

A presença da complexidade

Para MORIN (2000), *complexus* significa o que foi tecido junto. Assim, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios à nossa era confrontam-se cada vez mais – e de maneira ainda mais inelutável – com os desafios da complexidade, ocorrendo também este fator complexo na organização pela presença da tecnologia da informação.

Para LEFF (2000), a crescente complexidade presente nos problemas emergentes do mundo moderno demanda, para seu estudo, novos instrumentos teóricos e metodológicos de análise dos processos de natureza diversa que incidem na estruturação e na dinâmica de transformação dos indivíduos. Nessa linha de raciocínio, a questão ambiental propõe a necessidade de um pensamento holístico e sistêmico, capaz de perceber as inter-relações

entre os diferentes processos que impactam e caracterizam seu campo de discussão.

Esta mesma questão pode ser analisada como sintoma da crise da razão da civilização moderna, como crítica da racionalidade social e do estilo de desenvolvimentos dominantes e como proposta para fundamentar um desenvolvimento alternativo. Este questionamento acaba problematizando o conhecimento científico e tecnológico que foi produzido, aplicado e legitimado pela referida racionalidade, abrindo-se para novos métodos, capazes de integrar as contribuições de diferentes disciplinas para gerar análises abrangentes e integradas de uma realidade global e complexa. Nesta, articulam-se processos sociais e naturais de diversas ordens de materialidade e racionalidade, que, por sua vez, apontam para uma geração de novos conhecimentos teóricos e práticos na construção de uma racionalidade produtiva alternativa.

Não obstante, os paradigmas da economia, fundados numa epistemologia e metodologia mecanicistas, têm sido resistentes à incorporação dos princípios ambientais e até mesmo holísticos. Sabemos que o saber ambiental rediscute a relação entre realidade e conhecimento, buscando não só completar o conhecimento da realidade existente, mas também orientar a construção de outra organização social que não seria a projeção para o futuro das tendências atuais. É nesse sentido que a *utopia ambiental* abre nova possibilidade a partir do reconhecimento de potenciais ecológicos e tecno-lógicos, em que se amalgamam os valores morais, os saberes culturais e o conhecimento científico da natureza, na construção de uma racionalidade ambiental de novo tipo. O indivíduo moderno, portanto, deve apresentar uma capacitação sistêmica não só para a organização e seus processos internos inter-relacionados (com ou sem sistemas de informação), mas também para todo o ambiente.

Por outro lado, devemos buscar uma nova forma de aprendizagem, pautada em uma nova forma de pensar e fazer educação, que parta de uma consciência crítica coletiva para ações individuais que também produzam, no processo de construção do saber, respostas coletivas. Claro que essa construção poderá ser originada em ações ou experimentos empíricos; no entanto, haverá de conservar o compromisso da responsabilidade e da ética em tudo que se pretenda criar, desenvolver ou inovar, propiciando, assim, a cada ser humano, o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a sua existência no planeta e sobre a própria existência do planeta e do cosmos.

Para HESSEN (1987), no conhecimento encontram-se, frente a frente, a consciência e o objeto, o sujeito e o objeto, e o conhecimento apresenta-se como uma relação entre esses dois elementos. O dualismo sujeito e objeto pertence à essência do conhecimento; o conceito de verdade relaciona-se intimamente com a essência do conhecimento. Verdadeiro conhecimento é somente o conhecimento verdadeiro, pois um conhecimento falso não é propriamente conhecimento, e sim erro e ilusão. Este conhecimento humano toca a esfera ontológica, fazendo com que o objeto apareça na consciência cognoscente como algo que trata de um ser ideal ou de um ser real; o ser é objeto da ontologia, apesar de esta não poder resolver o problema do conhecimento. Para tanto, segundo a concepção da consciência natural, o conhecimento consiste em forjar uma imagem do objeto, cuja concordância com o objeto é a verdade do conhecimento.

A tecnologia na organização acaba sendo um bom exemplo de uma visão metafísica, pois o uso de ferramentas no trabalho com o apoio de computadores (*software e hardware*) aborda explicitamente essa questão do real quando da utilização pelas pessoas. Entretanto, como a ontologia estuda as questões dos seres humanos e a sua complexidade, adentramos nela (complexidade). É importante destacar também que, semioticamente, conseguimos perceber essas questões complexas, pois os agentes (as pessoas) podem interpretar de várias formas cada objeto existente no sistema complexo (organização) e agir de diferentes maneiras sobre ele. Isso nos leva a refletir sobre as mudanças de paradigma existentes nas organizações e sobre como as pessoas lidam com essas questões complexas.

Para CAPRA (2000), a física moderna confirmou uma das idéias básicas do misticismo oriental: a de que todos os conceitos que utilizamos para descrever a natureza são limitados e não características da realidade, como tendemos a acreditar; são criações da mente, partes do mapa e não do território. Sempre que expandimos o reino de nossa experiência, as limitações de nossa racionalidade tornam-se evidentes, levando-nos a modificar, ou mesmo a abandonar alguns de nossos antigos conceitos. Para o autor, nossas noções de espaço e tempo figuram, de forma destacada, em nosso mapa da realidade. Essas noções servem para ordenar coisas e eventos no ambiente que nos cerca, razão pela qual são de fundamental importância em nosso cotidiano e em nossas tentativas de compreender a natureza pela ciência e filosofia. Todas as leis da física exigem os conceitos de espaço e tempo para sua

formulação; no entanto, com as profundas modificações desses conceitos básicos, efetuadas pela teoria da relatividade, constituíram uma das maiores revoluções na história da ciência. A física clássica baseava-se não apenas na noção de um espaço absoluto, tridimensional, independente dos objetos materiais que contém, de acordo com as leis da geometria euclidiana, mas também na noção do tempo como uma dimensão separada, que é igualmente absoluta e flui de maneira uniforme, independentemente do mundo material. No Ocidente, essas noções de espaço e tempo achavam-se tão profundamente enraizadas nas mentes dos filósofos e cientistas que eram consideradas propriedades genuínas e inquestionáveis da natureza. De acordo com Henry MARGENAU (*apud* CAPRA, 2000), o reconhecimento central da teoria da relatividade está baseado na geometria como uma construção do intelecto. Só quando essa descoberta é aceita, a mente pode sentir-se livre para lidar com as noções tão veneradas de espaço e tempo, examinar o intervalo de possibilidades disponíveis para sua definição e selecionar uma formulação que esteja de acordo com a observação. A filosofia oriental, ao contrário da grega, segundo o autor, sempre sustentou que espaço e tempo são construções da mente. Os místicos orientais trataram-nas da mesma forma com que lidaram com todos os demais conceitos intelectuais, isto é, como algo relativo, limitado e ilusório.

A exploração do mundo subatômico no século XX revelou a natureza intrinsecamente dinâmica da matéria, mostrou que os componentes dos átomos, as partículas subatômicas, são padrões dinâmicos que não existem como entidades isoladas, mas como partes de uma rede inseparável de interações, em que há um fluxo incessante de energia a manifestar-se como troca de partículas, isto é, uma interação dinâmica na qual as partículas são criadas e destruídas interminavelmente numa variação contínua de padrões de energia. Essas interações dão origem a estruturas estáveis que edificam o mundo material, mas não permanecem estáticas, oscilam em movimentos rítmicos. Todo o universo está, pois, empenhado em movimento e atividade incessantes, numa permanente dança cósmica.

Encontramo-nos no gigantesco cosmos em expansão, constituído de bilhões de galáxias e bilhões de estrelas. A epopéia cósmica da organização, continuamente sujeita às forças da desorganização e da dispersão – e, em alguns casos, o próprio caos – é também a epopéia da religião que, sozinha, impediu que o cosmos se dispersasse, ou se desvanecesse ao nascer.

PESSIS-PASTERNAK (1993) comenta que este

universo de processo e de energia evoca certas noções das tradições espirituais, particularmente as do budismo. Segundo a visão de Capra, elas permitem uma compreensão mais imediata dos novos conceitos de espaço/tempo/matéria: ele compara o fluxo incessante da matéria à dança cósmica de *Shiva*, para quem todos os elementos do mundo permanente da matéria – criação e destruição – são *Maya*; não são fundamentais, mas ilusórios e cambiantes.

Para HOYOS GUEVARA *et al.* (1998), a hipótese Gaia-Terra¹ dá ao ser humano uma grande responsabilidade: a de ser co-criador da vida, impondo a necessidade de estar consciente de um poder que a humanidade vem exercendo, sem refletir sobre suas conseqüências – o poder de transformar a natureza e de interferir em toda a organização da vida no planeta, gerando efeitos de sabedoria em todos e em tudo, moldando um futuro mais ético para a humanidade. Tornar o ser humano consciente desta escolha, de seu poder e responsabilidade com o destino do planeta e da própria vida, é a tarefa dessa geração de novos educadores.

Para MORAES (1997), mudanças históricas estão sendo exigidas para que o indivíduo possa sobreviver no seu universo cultural, atuando, participando e transformando sua realidade. A autora afirma que a perspectiva da cosmovisão quântica traz uma compreensão holística, global e sistêmica do mundo, que enfatiza o todo em vez das partes e apresenta uma visão ecológica que reconhece a interconectividade, a interdependência, a interatividade de todos os fenômenos da natureza e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades com os processos cíclicos da natureza. O todo está cheio de energia em movimento; o todo é um sistema vivo, dinâmico, aberto. São estruturas dissipadoras que apresentam movimentos flutuantes, trocam energia com o seu meio ambiente. A autora mostra ainda que a percepção ecológica do mundo e da vida compreende a mudança como componente essencial da natureza, e esta possui flexibilidade, plasticidade, criatividade, autonomia, integração, cooperação e auto-organização. Tudo é relativo, incerto, apenas provável e, ao mesmo tempo, complementar. As teorias e os embasamentos decorrentes da cosmovisão quântica incentivam a ocorrência de diálogo nos mais diferentes níveis e possibilidades, incluindo aí o diálogo amoroso do ser consigo próprio, com a sociedade e com a natureza.

Deve ser compreendido o conhecimento produzido pelo sujeito na sua relação com o objeto, um conhecimento em rede em que todos os conceitos e as teorias estão interconectados, crescendo e se transformando de uma forma sem fim.

Algumas alternativas para a implementação eficaz da tecnologia nas organizações

Acreditamos que, de acordo com esta linha de raciocínio provida por questões quânticas, devam existir alguns aspectos fundamentais na implementação da tecnologia nas organizações, sejam eles de simples complexidade, como é o caso de ferramentas computacionais, ou complexos, como os sistemas de informação:

- a) o comprometimento da equipe envolvida no projeto de implementação do sistema de informação é estritamente necessário para que a amplitude e o objetivo do projeto sejam alcançados. A participação e o apoio da alta direção na implementação de qualquer mudança e metodologia são condições básicas e necessárias para o sucesso do projeto;
- b) a utilização de documentação de modo eletrônico, pelo uso de *templates* (documentos padronizados preexistentes) nos processos, funções e atividades realizadas pelos indivíduos na organização é também de extrema utilidade, pois facilita e agiliza a tomada de decisão;
- c) sem o apoio e orientação de treinamentos, é impossível alcançarmos o sucesso na implementação de novas tecnologias do conhecimento nas organizações. A readaptação dos novos processos e dos procedimentos deve ser devidamente validada pela equipe de projeto e demais integrantes da empresa em suas áreas de atuação;
- d) a participação e a realização de reuniões periódicas, em conjunto com a respectiva documentação, por meio de atas, também são importantes para o sucesso da implementação de novas tecnologias do conhecimento. Vale lembrar que estas reuniões devem ser rápidas e produtivas;
- e) quanto à questão quântica na organização, o comprometimento, participação, união e integração dos vários participantes no projeto e dos demais integrantes da empresa, num processo de mudança e implementação de novas tecnologias do conhecimento, são vitais para o sucesso de qualquer projeto. É necessário o apoio irrestrito dos executivos-chefes, tanto como norteadores e gestores quanto como participantes efetivos, de forma ética e estética, para que a informação seja levada a todos sem exceção;

¹ “A hipótese GAIA considera o universo em todo o seu esplendor. Contempla os bilhões de galáxias. Imagina a criação de todo esse reino de realidade. Focaliza a inteligência na seleta organização e no projeto de cada entidade, das partículas subatômicas ao cérebro humano. Reconhece que em ti está a essência daquela inteligência. Vê a ti mesma como um ser que acaba de abrir os olhos para a sua participação pessoal na evolução do universo – um membro criativo de uma criação em desenvolvimento”. (Bárbara Marx Hubbard *apud* Hoyos Guevara *et al.*, 1998)

f) a implementação de novas tecnologias da informação, aplicada ao conhecimento nas organizações, auxilia o processo de mudança, pois facilita a produtividade, a qualidade e o controle dos processos internos à organização.

Como destacamos, a participação dos principais executivos (alta direção) no processo de mudança é fundamental, porém a questão do poder nas organizações merece um destaque especial. HILLMAN (2001) chama a atenção para o alinhamento de nossos pensamentos e ações aos padrões universais. Para uma cultura predominantemente eurocêntrica, os padrões greco-romanos são os mais relevantes, definidos pelo autor como influentes, autorizados, prestigiados, controladores e tirânicos. Por outro lado, no que se refere às antigas idéias sobre o poder (pelas quais em grande parte vivemos e ainda conduzimos nossos negócios), embora algumas sejam menos aviltantes do que outras e influenciem mais do que outras, vislumbramos uma mudança radical, uma mudança para um mundo mais generoso, em que possam existir modelos mais felizes.

O novo indivíduo

Para MORRIS (1998), as necessidades espirituais dos indivíduos precisam ser satisfeitas no trabalho. Nesse contexto, a espiritualidade trata fundamentalmente de dois aspectos: profundidade e conexão. Quanto mais espiritualmente desenvolvida for uma pessoa, mais verá a profundidade de significado e importância subjacente à aparência superficial das coisas de nosso mundo; quanto menos espiritualmente sintonizada estiver, maior a probabilidade de confundir aparências ilusórias com realidade. Para o autor, a espiritualidade é profunda, seu sentido e significado nem sempre são visíveis aos olhos das pessoas. A espiritualidade é o mesmo que conectar-se a uma fonte de energia pessoal e de esperança positiva. No trabalho, ela é a capacidade de ver e executar o trabalho real, de forma que não apareça na descrição oficial do cargo, e também de mostrar aos outros uma profundidade adicional. Ainda segundo o autor, quanto mais alta a posição de uma pessoa em uma organização, maiores serão as tentações de perder o controle do significado espiritual do que está acontecendo em favor do jogo dos números e do prestígio, ressaltando que dinheiro, posição e conquistas externas não são suficientes para satisfazê-la, pois é a orientação interna da alma o que faz a diferença no mundo.

Infelizmente vivemos em uma época de desunião e desconexão entre as pessoas e suas comunidades, entre raças, nas famílias, entre o cidadão comum e seus processos e representantes políticos, entre as pessoas em cargos do

governo, entre departamentos da mesma empresa, entre professores e diretores, médicos e enfermeiras, segurados e seguradores, gerência e mão-de-obra – alienação e mentalidade adversária estão em todos os lugares. Este cenário não é um estado espiritual; ao contrário, é a antítese do que a espiritualidade aspira realizar. Por isso, para que possamos enxergar a conexão que existe à nossa volta, sob a superfície das aparências, precisaremos libertar-nos da ilusão da autonomia individual absoluta, isto é, transcender.

Conclusão

Não nos adianta buscar teorias e mais teorias a respeito da conquista de mais e mais pontos em um mundo altamente mecanicista como o nosso, nem buscar incansavelmente novos meios para melhorar os processos nas organizações, com ou sem tecnologia da informação; tampouco procurar a melhor maneira de administrar a gestão do conhecimento ou do próprio ser humano. Trata-se de perceber que o que realmente vale a pena é o próprio entendimento do indivíduo, sua valorização e a análise da razão de sua própria existência. Existem inúmeras técnicas, umas mais complicadas que as outras, umas mais eficazes que as outras, mas nada adiantará se não concebermos o uso efetivo de uma paz espiritual, uma paz voluptuosa de amor e inspiração saudável de nossos atos no dia-a-dia. É importante, sim, toda e qualquer mudança que façamos para melhorar cada vez mais a imagem e a eficácia de nossas atribuições e tarefas, mas nunca esquecendo a grande realização da brisa pura e de união e amor que transcende o homem em sua dimensão interior.

O importante é que se tenha consciência de um indivíduo mais conhecedor e inteligente, que atue com sabedoria. É tudo aquilo de que precisamos neste novo momento da humanidade: um indivíduo sábio, ético e estético. Talvez aí, sustentados por uma cosmovisão quântica, atingiremos o equilíbrio e a paz interior.

O que efetivamente precisamos é conceber uma nova visão do processo de mudança causado pela presença da tecnologia e dos sistemas de informação, uma visão da necessidade de compreendermos os processos funcionais intrínsecos à organização (integrabilidade das funções e atividades dos departamentos e das áreas da estrutura organizacional), de uma maneira mais responsável e humana, auxiliada pela fundamentação e aplicação da gestão do conhecimento.

Na verdade, a mudança deve ser evolutiva e realizada pelo querer fazer, de forma a querer ser, isto é, deve conter uma energia positiva que transcenda o próprio indivíduo, num processo conduzido pelo próprio coração.

Referências bibliográficas

CAPRA, Fritjof. *O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

HOYOS GUEVARA, Arnaldo José de. *Conhecimento, cidadania e meio ambiente*. Série Temas Transversais, v. 2. São Paulo: Peirópolis, 1998.

HESSSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. 7.ed. Coimbra: Arménio Amado, 1987.

HILLMAN, James. *Tipos de poder*. São Paulo: Vozes, 2001.

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2000.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 11.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

METAPHYSICA. História da Metafísica. Disponível em: <<http://www.upnaway.com/~tweek/metaphysica.htm>>. Acesso em: 25 Jun. 2000.

MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma Educacional Emergente*. Campinas, São Paulo, Papirus, 1997.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORRIS, Tom. *A nova alma do negócio: como a filosofia pode melhorar a produtividade de sua empresa*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se encontram*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

QUINTAS, Paul. Fonte: *Technology and knowledge management*. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/indcom/sti/pag/openuniver.html>>. Acesso em: 15 Jan.

2001.

VIEIRA, Jorge Albuquerque; SANTAELLA, Lúcia. Caos e ordem: filosofia e ciências. Integralidade, organização e gramática. *Revista Face* - PUCSP, São Paulo, Ed. Especial, n.2, 1999.

WAISTELL, Jeff. Fonte: *Intellectual capital audits*. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/indcom/sti/pag/openuniver.html>>. Acesso em: 15 Jan. 2001.

